

histórias

[JOÃO BRAGA]

Professor e estilista. Leciona nos cursos de graduação e pós-graduação de diversas escolas de moda, em São Paulo, as disciplinas História da Arte, História da Moda, Cultura de Moda e Estética. É autor dos livros *História da moda: uma narrativa* e *Reflexões sobre moda*, volumes I, II, III e IV, publicados pela Anhembi Morumbi, e coordenador da Coleção Saberes da Moda pela mesma editora.

A vida por um fio

Trata-se de interpretação poética e romanceada de uma história da mitologia grega que, além de justificar a realidade dos fatos, é também complementada por um ensinamento de ordem moral, como toda referência mitológica assim o faz.

Em tempos imemoriais, conta-nos a teogonia que Palas Athena, nascida da cabeça do próprio pai, Zeus – o deus dos deuses –, teve como atributo maior ser a deusa e a patrona do conhecimento, da sabedoria, ou seja, da razão superior; sua incumbência seria a de ensinar tais preceitos aos homens. Portanto, foi Palas Athena que ensinou os humanos a arar a terra, a semear, a colher, a fiar, a tecer, a construir armas, a guerrear, entre todas as outras coisas. Humanos e divindades eram iguais em tudo, diferenciando-se somente na imortalidade. Os deuses não morriam, transformavam-se.

Soube, certa vez, Palas Athena, que lá pelo interior dos Balcãs havia uma jovem mortal tão bonita quanto habilidosa que fiava e tecia muito bem. Essa moça chamava-se Aracne e, de tão hábil que era em sua arte, tornou-se famosa a ponto de despertar na deusa a curiosidade de visitá-la. Palas Athena resolveu ir disfarçada de senhora idosa para que não fosse reconhecida como a deusa que era.

Sabia a imortal que Aracne, além de trabalhar muito bem, sempre fora acometida de tremenda vaidade e conseqüente prepotência pelos seus dons de exímia habilidade técnica. Chegando ao local onde Aracne se encontrava, esta ensinava a um grupo de jovens moças a fiar e a tecer, sua arte maior. Palas Athena, ou melhor, a velhinha, lá se estabeleceu, ouvindo atentamente os dizeres daquela hábil mortal, magnífica em sua prática, mas totalmente desprovida da maior de todas as virtudes: a humildade. As alunas, assim como a deusa disfarçada, prestavam atenção aos ensinamentos da mestra quando esta resolveu verbalizar que sabia fiar e tecer melhor do que Palas Athena. A velhinha se pronunciou e disse que ela deveria ser humilde e respeitosa à deusa, pois, afinal de contas, tinha sido a imortal que lhe havia ensinado a fiar e tecer, uma vez que era a deusa do conhecimento e da sabedoria. Aracne rebate à velhinha dizendo que fosse ensinar conduta às suas netas, pois fiava e tecia mesmo melhor do que Palas Athena. Tão furiosa ficou a deusa (os deuses gregos, em geral, tinham os mesmos sentimentos que os humanos) com a falta de humildade da mortal que resolveu se transformar em deusa, como de fato era conhecida. Ao fazê-lo, as moças presentes, alunas de Aracne, logo a reconheceram e fizeram uma reverência de saudação; ao contrário da mestra que a peitou e reafirmou que sabia mesmo fiar e tecer melhor do que ela.

Ofendida e entristecida, Palas Athena sabia que cabia a ela ensinar a humildade a Aracne, pois essa era também a sua função. Virou-se para a mortal e disse que já que ela era mais habilidosa do que quem a ensinou, lançaria um desafio para ambas: qual das duas teceria melhor uma tapeçaria, num determinado intervalo de tempo, tendo como tema o próprio Olimpo, a morada dos deuses. Aracne aceitou. Cada uma foi para um lado cumprir sua tarefa.

Findado o prazo do trabalho, as duas se apresentaram e mostraram os respectivos resultados. Palas Athena exibiu uma linda tapeçaria, tanto em técnica quanto em temática, ressaltando as virtudes dos deuses do Olimpo, afinal lá morava e pertencia a essa casta. Todos admiraram o trabalho da deusa. Chegou, então, a vez de Aracne apresentar sua conclusão. Diga-se antecipadamente que Aracne era de fato muito mais habilidosa que a imortal; seu fio era muito mais fino e resistente e sua tecelagem era de rigor técnico incomparável e indiscutível. A tapeçaria da mortal era verdadeiramente belíssima em tudo, porém o assunto abordado dentro da temática do Olimpo era a exaltação dos vícios praticados pelos deuses. Palas Athena novamente sentiu-se ofendida e ultrajada e tão furiosa ficou que resolveu estraçalhar o trabalho de Aracne, desintegrando-o na totalidade ao rasgar a tapeçaria dos vícios. Nesse momento Aracne pôde constatar a insatisfação da deusa e, com medo, ficou a ponto de sair correndo, ainda envolta em fios, para fugir de Palas Athena. Aracne começou a correr e Palas Athena a correr atrás. Aracne corria e Palas Athena a perseguia. E quanto mais Aracne tentava fugir, mais determinada estava a deusa a capturá-la. Aracne entrou por um corredor que dava numa sala sem saída. Ficou encurralada e logo pensou: não vou deixar que Palas Athena me mate, eu mesma vou me matar. Pegou os fios nos quais ainda estava envolta, fez uma forca, prendeu-a num suporte que havia no teto daquele cômodo, colocou-a no pescoço e, quando estava prestes a pular, Palas Athena chegou à sala, olhou para Aracne e disse que não a deixaria se matar, que lhe pouparia a vida rogando-lhe uma praga e a transformaria num animal que passaria o resto da existência pendurado, fiando e tecendo, e todo mundo que encontrasse seu trabalho faria como ela fez, o destruiria. Transformou assim Aracne em aranha e esse animal, ainda hoje, encontra-se pendurado em um fio praticando o trabalho estipulado pela deusa como forma de aprender a virtude da humildade; e nós, ainda hoje, ao depararmos com seu trabalho, ou seja, a teia, a destruímos como determinou a imortal.

Assim, a mitologia grega nos ensina o seu ponto de vista que justifica a arte de fiar e tecer.

Vale a pena lembrar que o nome científico das aranhas é "aracnídeo", ou seja, uma lembrança a essa moça que trabalhava muito bem, mas que não foi humilde o suficiente para respeitar os seus superiores.